

O protagonismo da juventude estudantil alemã no Maio de 68

The leading role of German students in the events of May 1968

Sandra Oliveira Teixeira*

Resumo – Com o 50º aniversário do chamado *Maio de 68*, este ensaio tem por objetivo sistematizar algumas características acerca da emergência e dinâmica do movimento estudantil nos anos 1960 na Berlim Ocidental, cidade palco central da Guerra Fria. Após discorrer sobre o contexto histórico de politização pela esquerda do movimento estudantil alemão e a dinâmica das manifestações estudantis, destacamos duas conclusões: 1) insurreições estudantis se opunham tanto à sociabilidade capitalista num tempo de expansão do capitalismo, à guerra norte-americana no Vietnã, como também ao silêncio diante do passado nazista, ao autoritarismo e à universidade não democrática; 2) a ausência de vínculo orgânico entre movimento estudantil e classe operária é em grande medida determinada pela adesão do movimento operário ao reformismo social-democrata alemão e ao passado nazista, que também contribui para dizimar lideranças comunistas e socialistas.

Palavras-chave: Maio 68; movimento estudantil; movimentos políticos; Berlim.

Abstract – With the 50th anniversary of the events of May 1968, this essay aims to systematize some characteristics of the emergence and dynamics of the student movement in the 1960s in West Berlin, the central stage of the Cold War. After discussing the historical context of politicization by the left of the German student movement and the dynamics of student demonstrations, we highlight two conclusions. First, that student insurrections were opposed both to capitalist sociability in a time of expansion of capitalism and the American war in Vietnam, and also to the silence in face of Germany's Nazi past, authoritarianism, and undemocratic universities. Second, the absence of an organic link between the student movement and the working class was largely determined by the adherence of the workers' movement to German Social-Democratic reformism and the Nazi past, which also contributed to decimate communist and socialist leaderships.

Keywords: May 1968; student movement; political movements; Berlin.

* Doutora co-tutela em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Ciência Política pela Universidade Paris VIII (2012). Professora no Departamento de Serviço Social da UnB e pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Seguridade Social e Trabalho – GESST. Atualmente realiza pós-doutorado no Centro Marc Bloch Berlin (CMB). Bolsista do CNPq - Brasil. *Correspondência:* Departamento de Serviço Social – UnB Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, sala B1 519, Brasília-DF. CEP: 70910-900 *Email:* <sandrateixeira@unb.br>.

Introdução

No ano de 2018, foi comemorado o 50º aniversário do chamado *Maio de 68*. É preciso lembrá-lo, menos pelo sentimento nostálgico e mais pela possibilidade de se inspirar em resistências e lições históricas, em seus acertos e erros, para fortalecer e reinventar as lutas contra a exploração da força de trabalho e contra as diversas formas de opressão na sociabilidade burguesa. Com esse espírito, este ensaio tem por objetivo sistematizar algumas características do movimento estudantil nos anos 1960 em Berlim Ocidental, país palco central da Guerra Fria. Trata-se de uma primeira aproximação ao tema e, desse modo, certamente apresentará algumas lacunas sobre esse tempo histórico.

A onda *Maio de 68* manifestou-se para além da temporalidade de maio e do ano de 1968, bem como das fronteiras de Paris (França). No mundo, os anos 1960 foram palco do enredo concreto da Guerra Fria, de ciclos de ascensão e de curtos lapsos de depressão do capitalismo, bem como de uma diversidade de ondas de protestos contrários às estruturas sociais, políticas, culturais e econômicas. Estas ondas de manifestações, constituídas de diferentes ingredientes, sacudiram diferentes partes do mundo: Estados Unidos, Senegal, França, México, Alemanha, Argélia, Brasil, Argentina, Japão, Itália, Holanda, Espanha e China, entre outros (DREYFUS-ARMAND, 2008).

Diferentemente da experiência vivenciada na América Latina, na qual a participação de estudantes na vida política não era um fenômeno novo, a explosão de *Maio* “consagrara definitivamente a militância política como um dos aspectos mais importantes dos movimentos estudantis modernos” nos países capitalistas centrais, considerando a politização de movimentos estudantis na França, Itália, Alemanha e Estados Unidos (MARINI, 2016).

No caso dos movimentos estudantis latino-americanos, a novidade foi o surgimento de novas características que os aproximam de elementos que marcaram movimentos dos países capitalistas centrais, mas que se expressaram segundo as particularidades em cada país latino-americano. Do conjunto dessas características, Marini (2016, p. 140) destaca dois pontos:

a crescente mobilização das massas estudantis, rompendo com a ação das minorias vanguardistas de antigamente e também uma definição ideológica mais nítida que, em vez de fundar a ação sobre os problemas sociais em geral, traduzidos em palavras de ordem abstratas e estranhas à consciência estudantil, dá lugar à militância fundada sobre uma consciência revolucionária do papel dos estudantes na luta de classes.

Como bem analisou Marini (2016), a politização do movimento estudantil na Alemanha foi vivenciada nos anos 1960. Em território alemão, a partir de 1965, emergiu uma onda de movimentos de estudantes na Re-

pública Federal da Alemanha (RFA), especialmente na Universidade Livre de Berlim, sob influência de revoluções e lutas armadas que ocorriam em Cuba, Congo e Vietnã (DUBOIS, 1998), bem como de ideias marxistas (Karl Marx, Che Guevara, Herbert Marcuse). Em síntese, as insurreições giravam em torno de oposições à guerra americana no Vietnã, à ditadura do xá iraniano, ao monopólio da imprensa Springer, às estruturas autoritárias, à ordem estabelecida, à ordem industrial e suas consequências na sociedade, à reforma universitária, à coalizão governamental, à legislação de estado de emergência (*Notstandsgesetze*) e ao não enfrentamento do passado nazista pela sociedade alemã. Tais insurreições também se moviam em prol da solidariedade ao chamado “Terceiro Mundo”.

Tendo isso em vista, este ensaio está organizado em duas seções, para além da introdução e considerações finais. A primeira parte sistematiza brevemente o contexto histórico de eclosão de manifestações estudantis nos anos 1960 na Alemanha Ocidental. Em seguida, apresenta-se a dinâmica das manifestações estudantis nesta época em Berlim Ocidental, cidade palco central da Guerra Fria.

Solo histórico da vaga de manifestações na Alemanha Ocidental

Para apreender as particularidades do *Maió de 68* na Alemanha, é preciso situá-lo no contexto político-econômico-cultural alemão ocidental. Neste solo histórico, é possível aproximar-se de algumas razões que explicam a explosão de manifestações estudantis na RFA em 1965.

Até meados dos anos 1960, a Alemanha Ocidental, território dividido em zonas de ocupação pelos Aliados (Estados Unidos, França e Reino Unido) e pela construção do Muro em Berlim (1961), sob governo do chanceler federal Konrad Adenauer e posteriormente de Ludwig Erhard¹, vinculados à União Demócrata Cristã (CDU), ainda vivia efeitos do “milagre econômico” (*Wirtschaftswunder*) fundado na ideia de economia social de mercado, um projeto inspirado no ordoliberalismo. O sucesso deste “milagre econômico”, como analisou Hagemann (2000), contribuiu para o domínio do governo de centro-direita na cena política dos anos da Guerra Fria.

Ao mesmo tempo, o regime democrático parlamentar, formado pela coalizão CDU e Partido Liberal Democrata (FDP) no período 1961-1966 e, posteriormente, pelo CDU e Partido Social Democrata Alemão (SPD) após 1966, foi marcado pela quase inexistência de uma oposição parlamentar. Além disso, a direção do governo se guiou pela convocação de esforços coletivos para a reconstrução da sociedade alemã num contexto

¹ Ludwig Erhard foi nomeado pela CDU como chanceler federal em 1963, após renúncia de Konrad Adenauer, primeiro chanceler alemão do pós-Segunda Guerra Mundial. Ludwig Erhard integrou os quatro governos do chanceler Adenauer (1949-1963) e foi uma figura-chave, como ministro da Economia, na implementação do Plano Marshall de reconstrução da Alemanha e do chamado “milagre econômico” (DW, 2012).

de despolitização do passado nazista e do processo da Guerra Fria (BOROWSKY, 2005).

Nesse tempo histórico, o governo foi complacente com o histórico nazista quando permitiu que integrantes deste extinto regime ocupassem cargos na política da Alemanha Ocidental. Um exemplo foi Hans Globke, que se tornou um dos conselheiros do governo Adenauer e, anos antes, em 1936, teceu comentários sobre as Leis Raciais de Nuremberg, base jurídico-legal para o Holocausto (HAUG, 1999; DW, 2016).

O “milagre econômico” do pós-Segunda Guerra Mundial, em 1966, foi tensionado por um enfraquecimento do crescimento econômico. A tímida queda do crescimento econômico, no início dos anos 1960, foi mais um dos ingredientes que provocaram pelo menos três efeitos: a formação da grande coalizão CDU e SPD; a formação da Oposição Extra-parlamentar (APO – *Außerparlamentarische Opposition*) e a revitalização de tendências neonazistas, quando teve sucesso temporário o partido ultradireitista chamado Partido Nacional Democrático (NPD) (BOROWSKY, 1998).

Essa crise foi amortecida por um programa governamental de estabilidade e crescimento, baseado na diretriz de “direção global” (*Globalsteuerung*). Tal programa foi forjado entre concepções ordoliberais, em matéria de estabilidade monetária e regras de concorrência, e perspectivas keynesianas, como um conjunto de medidas reunidas sob o lema “estabilidade e crescimento”.

O programa governamental consistia em medidas anticíclicas, denominadas por “quadrilátero mágico” (*magische Viereck*): estabilidade de preços, alto índice de emprego, equilíbrio do comércio exterior e crescimento econômico. Dessa forma, este programa estava previsto em lei publicada em maio de 1967, intitulada *Lei sobre promoção da estabilidade e do crescimento na economia* (*Gesetz zur Förderung der Stabilität und des Wachstums in der Wirtschaft*).

Contornados os sinais de enfraquecimento da economia de 1966, com o novo programa governamental, o período de 1967 a 1970 foi uma das fases com maiores aumentos de salários na história da Alemanha Ocidental (BOROWSKY, 1998). No período de 1967 a 1977, desenvolveu-se a “*Konzertierte Aktion*”, um acordo entre Estado, associações empresariais e sindicatos

dirigida para conseguir uma certa estabilidade dos preços e da distribuição do rendimentos, com a inclusão de limitações às demandas salariais por parte dos sindicatos e de uma constante atenção dirigida ao crescimento econômico. As partes se encontravam e trocavam informações sobre os processos macroeconômicos, despolitizando o confronto e neutralizando as divergências de interesse. (VATTA, 1998, p. 163).

Cabe destacar que o ingresso do SPD na grande coalizão junto com a CDU, que desde 1959 afastou-se oficialmente de ideias marxistas,

contribuiu para ideias keynesianas no governo (HAGEMANN, 2000). Houve, desde o fim dos anos 1950, uma inflexão histórica no campo da social-democracia alemã. O SPD deslocou-se do projeto socialista e aderiu ao projeto de recomposição da hegemonia burguesa, que teve por base a fusão entre ordoliberalismo e keynesianismo. De um partido classista dos trabalhadores (*Arbeitspartei*), o SPD transformou-se em um “partido popular” (*Volkspartei*) (MAZIÈRES-VAYSSE, 2010), quando cerca de 80% da população economicamente ativa encontrava-se empregada (ABENDROTH, 1965). Esse deslocamento levou inevitavelmente à saída de segmentos marxistas e anti-autoritários do SPD. Entretanto, os radicais socialistas que foram expulsos somente exerceram influência por meio da organização estudantil nas universidades, como será apresentado mais à frente (ABENDROTH, 1965).

A RFA, então sob o governo de uma grande coalizão, se caracterizava pela quase inexistência de uma oposição parlamentar. Diante deste fato peculiar, em 1966, foi criada a Oposição Extraparlamentar (APO – *Außerparlamentarische Opposition*), um dos passos dentro de um movimento mais ampliado da geração mais jovem, especialmente estudantes. A direção da APO foi conduzida pela Federação Socialista dos Estudantes Alemães (SDS – *Sozialistischen Deutschen Studentenbundes*).

Sobre a origem da APO, é preciso considerar três elementos. Primeiro, sua história tem relação com o movimento antinuclear em 1958, quando o governo alemão discutia e deliberava sobre o uso de armas atômicas pelas Forças Armadas alemãs em plena Guerra Fria. Este movimento levou às ruas cristãos, pacifistas e socialistas em protestos contra essa proposta de armas atômicas. A Marcha de Páscoa (*Ostermarsch*), um movimento contra o armamento nuclear, em sua primeira saída às ruas, em 1960, com o lema “Luta contra a morte atômica”, mobilizou cerca de 1000 manifestantes (BOROWSKY, 1998; HAUG, 2008).

O movimento antinuclear lançou a revista *Das Argument* no ano de 1959, considerada a primeira revista de esquerda da Alemanha Ocidental. Essa revista abordou vários temas, tais como teorias do fascismo, Terceiro Mundo, sexualidade e meios de comunicação, os quais também compuseram lutas de estudantes na década seguinte. A tiragem da revista, que existe ainda hoje, saltou de 700 exemplares, em 1959, para 25 mil em 1969 (HAUG, 2008).

O segundo aspecto remete-se à ruptura entre a SDS e o SPD no início dos anos 1960. Após o SPD ter abandonado a referência de luta de classes no seio do programa adotado no Congresso de Bad Godesberg, em 1959, a SDS foi excluída do partido e se tornou uma ex-organização dos estudantes do SPD (DUBOIS, 1998).

Quanto ao terceiro elemento, que se refere à quase inexistência sistemática de laços entre movimento estudantil e movimento de trabalhadores, é preciso considerar a difícil situação do movimento de trabalhadores na Alemanha no pós-Segunda Guerra Mundial, como nos lembra

Abendroth (1965). Essa situação foi penosa em razão de vários elementos: apenas parte de lideranças militantes de trabalhadores sobreviveu às prisões e aos campos de concentração do período nazista, dentre os quais a maioria se encontrava desgastada fisicamente pelos anos de sofrimento; o retorno de militantes ao território alemão ocorria gradualmente e, caso optassem pela atuação política, esta deveria ser consoante as intenções políticas das distintas potências de ocupação; na zona de ocupação soviética, em 1964, a fusão entre o SPD e o Partido Comunista da Alemanha (KPD) no Partido Socialista Unificado (SED) foi considerada, por trabalhadores de outras zonas, como absorção do SPD em um KPD controlado pela União Soviética, o que fortaleceu a orientação política do SPD, na Alemanha Ocidental, de endurecer a ação contra comunistas; houve um crescimento de desgosto pela União Soviética e, com isso, contra comunistas, em razão de comportamentos do Exército Vermelho na Alemanha e da expulsão de alemães de Aliados da União Soviética (Polônia e Tchecoslováquia); a perda de influência do KPD e sua proibição, em 1956, na RFA. Na época, segundo matéria do DW (2011), o KPD foi acusado de manter relações com Moscou e Berlim Oriental, o que, em tempos de Guerra Fria, para o governo alemão ocidental era uma ameaça à democracia².

Esse solo histórico estimulou a participação do movimento estudantil alemão na vida política. Apesar disso, diferentemente do que ocorreu na França³, na RFA, a onda contestatária estudantil não foi marcada pela relação de apoio recíproco entre o movimento estudantil e o movimento operário (LANGGUTH, 2013).

Movimento estudantil nos anos 1960 em Berlim

De modo geral, a fermentação política das revoltas estudantis envolveu o movimento antinuclear, a reivindicação por reforma democrática da universidade e a necessidade de processo de “desnazistificação”, azeitada por aproximações às tendências marxistas, anti-imperialistas e anticoloniais. Até a sua dissolução em março de 1970, a SDS, como afirma Juchler (2017), foi fundamental para mobilizar estudantes.

A SDS foi um grupo heterogêneo e composto por diferentes correntes ideológicas e políticas que rivalizavam entre si, mas que tinham bandeiras de luta em comum e contra a sociedade capitalista, a universidade burguesa, o autoritarismo no cotidiano da sociedade e a guerra norte-americana no

² Outro exemplo refere-se ao impedimento de entrada de Ernest Mandel em território alemão após maio de 1968, considerando as limitações de direitos individuais adotados na RFA contra militantes da extrema esquerda, o que não o impediu de ofertar curso na Universidade Livre de Berlim no período de 1970-1971 (TOUSSAINT, 2014).

³ Ver entrevista de Daniel Bensaïd (2008) concedida a Mione Sales, que, ao abordar os 40 anos do *Maião de 68* na França, aponta aspectos das relações de reciprocidade e tensão entre movimento estudantil e de operários no contexto de lutas em Paris.

Vietnã. De modo geral, havia as seguintes tendências: maoísta, trotskista, marxista ortodoxa e “nova esquerda”, que aglutinou os grupos inspirados em Hebert Marcuse, “guevarismo” e solidariedade aos povos do “Terceiro Mundo” (MÜNSTER, 2008).

Uma das bases teóricas da crítica dirigida à sociedade por grupos de estudantes passou pela redescoberta do marxismo, ligado aos elementos da psicologia de Freud. Essa conexão foi criada por Herbert Marcuse, uma das influências do movimento dos estudantes. O livro intitulado *Homem unidimensional*, publicado em alemão em 1967, criticava a “sociedade afluyente” e o terror de consumo (BOROWSKY, 1998). Hebert Marcuse⁴ foi um dos filósofos descendentes de Marx que marcou a vida político-cultural dos anos 1960, especialmente na Alemanha. Juntamente com Marx e Mao, tornou-se o trio MMM, que inspirou protestos (KONDER, 2010).

A seguir, serão apresentadas algumas manifestações realizadas em Berlim Ocidental durante os anos 1960. De modo geral, convém destacar que, mesmo antes do enfraquecimento da economia em 1966, brevemente apresentado no tópico anterior, ocorriam reuniões nas universidades e manifestações na rua, questionando o autoritarismo, o consumismo, a estrutura universitária e a ordem societária burguesa. Isso demonstra que, mesmo em tempos de “milagre econômico” na Alemanha, a sociedade burguesa era alvo de críticas e protestos estudantis.

As ações mais intensas da SDS começaram nas faculdades. Sob a bandeira de “democratização da universidade”, a SDS e a Associação de Estudantes Alemães (VDS – *Verband Deutscher Studentenschaften*) reivindicavam: a supressão da antiga forma de autogestão acadêmica, centrada no poder decisório de docentes permanentes, e a adoção de paridade entre professores, assistentes e estudantes em instâncias deliberativas das faculdades; o direito de representantes de estudantes envolverem-se em temas amplos da política e não apenas com assuntos sobre a universidade; a reforma geral das disciplinas e regras de avaliação (BOROWSKY, 1998, 2005).

Para mobilizar o público em seu favor, grupos estudantis alemães inspiraram-se em formas de manifestações tais como *go in*; *sit in*⁵; *teach in*⁶, adotadas por estudantes nos EUA nos anos 1960. A eclosão dessas manifestações nos EUA ocorreu quando estudantes negros, vítimas de segregação, lideraram “revoltas do *campus*” em 1960 em Greensboro, na Carolina do Norte (DREYFUS-ARMAND, 2008). Em Berlim, ocupavam tanto seminários e reuniões de instâncias deliberativas na universidade e transformavam estes espaços em reuniões de protesto, como também instalavam-se em locais

⁴ Trata-se de um autor polêmico que, apesar das divergências que possam existir, teve inegável contribuição para o pensamento crítico contemporâneo.

⁵ Consiste na ação pacífica de sentar-se em massa em via pública para desafiar a opinião (DREYFUS-ARMAND, 2008).

⁶ Consistem em atividades universitárias e extrauniversitárias organizadas pelos estudantes, tais como debates (DUBOIS, 1998).

fora das faculdades, a exemplo de bloqueio em ruas, como ocorreu em setembro de 1967, devido à condenação do ativista Fritz Teufel.

Desde 1965, as revoltas dos estudantes exigiam não apenas reforma da universidade, como também transformação da sociedade. Por exemplo, no ano de 1965, uma manifestação em forma de revolta social foi desencadeada pela visita recebida pelo governo alemão de Moïse Kapenda Tshombé, político do Congo e assassino de Patrice Lumumba, o primeiro-ministro da República Democrática do Congo independente (HAUG, 2008).

Essa geração, grosso modo, questionava o não enfrentamento do passado nazista e o foco direcionado exclusivamente para a recuperação da Alemanha no pós-Segunda Guerra Mundial. A APO criticava que o resultado dessa ignorância quanto ao passado foi um componente que contribuiu para sedimentar uma sociedade consumista, complacente, dominada por interesses do capital e de seus colaboradores, como a mídia. Questionava também a implementação incompleta das normas democráticas segundo a Constituição alemã e cobravam uma democratização de todas as áreas da sociedade (BOROWSKY, 1998, 2005).

Sob liderança da APO, outro questionamento se deu acerca da legislação sobre estado de emergência (*Notstandsgesetze*), proposta pela coalizão governamental CDU e SPD. Apesar da aliança de interesses entre estudantes e sindicatos contra a lei de emergência, as manifestações não foram realizadas conjuntamente. A própria direção da Confederação Alemã de Sindicatos (DGB – *Der Deutsche Gewerkschaftsbund*), em que pese a discordância com essa legislação, não deflagrou greve geral.

Favoráveis à transformação da sociedade, conduziram várias manifestações pela Alemanha, especialmente em Berlim Ocidental, com cunho anti-imperialista e anticolonial. O ano de 1966 teve as primeiras grandes manifestações em Berlim. Na primavera deste ano, sob o chamado da SDS, manifestantes protestaram contra a guerra do Vietnã e acusaram o governo alemão de cumplicidade.

Em junho de 1967, um dos protestos foi contra a visita do xá iraniano, aliado dos EUA. Nessa manifestação, a escalada da repressão policial resultou no assassinato do estudante Benno Ohnesorg, o que foi combustível para radicalização do movimento estudantil.

A criação do projeto de Universidade Crítica em Berlim, em 1967, constituiu-se em espaço de liberdade e discussão e, com isso, um ponto de referência da oposição europeia à guerra norte-americana no Vietnã (DREYFUS-ARMAND, 2008). A Universidade Crítica lembrava que a legitimidade do conhecimento não residia em si mesmo, mas em suas funções sociais, e que o próprio trabalho científico era inconcebível se desvinculado da reflexão sobre as condições políticas deste trabalho e sem uma perspectiva crítica da condição da universidade na sociedade (BENSAÏD, 2009).

Em Berlim Ocidental, capital de efervescência política, nos dias 17 e 18 de fevereiro de 1968, a SDS realizou o Congresso Internacional

sobre o Vietnã na Universidade Técnica de Berlim. Este congresso atraiu cerca de 5 mil estudantes e ativistas de dezenas de países, como Dale Smith, representante negro do Comitê de Coordenação Estudantil Não Violento (SNCC) nos EUA, e estudantes franceses, que posteriormente adotariam alguns dos métodos de manifestações em Paris, inspirados pela onda de protestos em Berlim Ocidental. Convém ressaltar que esse encontro, no qual estudantes apresentaram identidade revolucionária (JUCHLER, 2017), foi realizado na cidade palco da Guerra Fria mundial.

No segundo dia do evento, ocorreu uma manifestação na *Kurfürstendamm*, que reuniu cerca de 15 mil pessoas, especialmente jovens, que empunhavam bandeiras vermelhas, cartazes com rosto de Rosa Luxemburgo, Ho Chi Minh e Che Guevara, entre outros revolucionários (ALI, 1988), temperadas por frases que portavam bom-humor: “Nós somos uma minoria radical” (BENSAÏD, 2004). Esse protesto, planejado para seguir até o setor de ocupação americana, havia sido proibido pela administração social-democrata Schultz-Neubauer, sob a justificativa de ameaça à ordem pública e declaração de que a polícia “limparia as ruas com uma vassoura de aço”. A social-democracia adotou, como solução para a “defesa da liberdade e da democracia”, a evocação da repressão policial, expressa, por exemplo, na seguinte declaração de um chefe da polícia: “os atingiria tão duramente que eles iriam correr todo o caminho até Moscou” (ALI, 1988).

Menos de dois meses após o congresso, em abril de 1968, foi realizada mais uma manifestação em Berlim. Rudi Dutschke foi vítima de um atentado neste protesto, após forte campanha do grupo Springer, que o acusava de inimigo número 1 da ordem pública. O seu algoz alegou que o atentado contra uma das lideranças da SDS foi motivado por notícias veiculadas pela mídia impressa do grupo Springer (BOROWSKY, 1998). Rudi Dutschke, após recuperar-se do estado grave em decorrência de um tiro na cabeça, “exilou-se” na Grã-Bretanha, de onde foi expulso, e depois na Dinamarca⁷. A SDS convocou protestos em toda a Alemanha, além de ter informado a várias lideranças estudantis no exterior sobre o atentado.

Tendo em vista a campanha de difamação contra estudantes e a esquerda em geral, bem como o falseamento no relato dos protestos estudantis, promovidos pelo grupo Springer, que editava jornais e revistas no campo conservador e de ampla circulação, manifestações estudantis intensificaram suas críticas e ações em oposição a esse forte grupo de mídia impressa, incluindo a reivindicação de desapropriação do grupo Springer.

A partir do atentado contra Rudi Dutschke, protestos nas ruas foram ampliados por milhares de estudantes, com destaque para o *Maio de 68*, quando o parlamento entrou na fase final de decisão sobre a lei de emergência (*Notstandsgesetze*). Um dos objetivos da política da APO consistia

⁷ Rudi faleceu em 1979, em decorrência de sequelas do grave atentado sofrido em 1968. Ele aderiu à SDS em 1965, após sair da República Democrática Alemã (RDA/Alemanha Oriental), antes da construção do Muro de Berlim, e se tornou um dos principais líderes desta organização estudantil socialista alemã.

na abolição dessa proposta de lei de emergência, o que foi apoiado por alguns membros de sindicatos, luteranos, intelectuais, docentes. Entretanto, os sindicatos alemães não aceitaram as demandas da APO para entrar em greve e fortalecer o movimento (BOROWSKY, 1998).

Como a história mostrou, a existência de condições revolucionárias não significa a chegada de uma revolução. A partir de 1968, especialmente após a dissolução da SDS em 1970, várias tendências do movimento estudantil se fragmentavam em pequenos grupos: maoístas, trotskistas, leninistas, grupos cívicos, feministas (BOROWSKY, 1998). Uma parcela de estudantes optou pela violência radical, ainda que sem vínculo orgânico com as massas e capacidade para organizá-las, num contexto no qual o movimento operário estava rendido ao reformismo social-democrata. Essa alternativa de ação por um projeto revolucionário teve, como uma das organizações mais conhecidas, a Fração do Exército Vermelho da Alemanha, também denominada por Grupo Baader-Meinhof.

Outros desdobramentos desse período de politização do movimento estudantil foram: o envolvimento de militantes em projetos partidários de cunho reformista, como a criação do Partido Verde e composição de tendências mais à esquerda no âmbito do SPD; o debate da política para além dos espaços do partido político e o ingresso em carreiras do Estado (BOROWSKY, 1998). Diante das lutas dos estudantes e, em menor medida, de trabalhadores, em maio de 1968 foi realizada a reconstituição do Partido Comunista Alemão, sob a sigla DKP (*Deutsche Kommunistische Partei*), tendo em vista a extinção do KPD na RFA (KÖBELE, 2017).

Conclusão

A onda de protestos no *Maio de 68* em Berlim Ocidental, palco central da Guerra Fria, foi marcada pelas seguintes características: 1) protagonismo da juventude estudantil alemã nas mobilizações, bem como sua articulação com grupos estudantis no exterior; 2) insurreições estudantis em oposição à sociabilidade burguesa, num tempo de expansão do capitalismo e de pequenas fases de enfraquecimento econômico, oposição à guerra norte-americana no Vietnã, ao autoritarismo, à universidade não democrática e ao silêncio diante do passado nazista; 3) ausência de vínculo orgânico entre movimento estudantil e classe operária, em grande medida determinada pela adesão do movimento operário ao reformismo social-democrata alemão e ao passado nazista, que também contribuiu para dizimar lideranças comunistas e socialistas.

Referências

ABENDROTH, W. *Historia social del movimiento obrero europeo*. 1965. Disponível em: <<http://www.anticapitalistas.org/IMG/pdf/Abendroth-HistoriaSocialDelMovimientoObreroEuropeo.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

ALI, T. De Londres à Berlin. *Inprecor*, Paris, n. 267, jun. 1988. Disponível em: <<http://www.inprecor.fr/~1eb58555864376de6632bb11~/article-1968-De%20Londres%20%C3%A0%20Berlin?id=547>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

BENSAÏD, D. Mai 68 – Naissance du mouvement du 22 mars. Mais l'heure a sonné... In: _____. *Une lente impatience*. Paris: Éditions Stock, 2004. Disponível em <<http://www.contretemps.eu/mai-68-naissance-mouvement-du-22-mars/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

_____. Maio de 68: uma página na história mundial de lutas. [2008]. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, n. 21. Entrevista concedida a Mione Apolinário Sales. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/91/84>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

_____. Faut-il défendre l'Université? Entre contraintes marchandes et utopie académique. *Contretemps*, n. 3, nouvelle série, jul. 2009. Disponível em <<https://www.contretemps.eu/autonomie-universite-bensaid/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

BOROWSKY, P. Große Koalition und Außerparlamentarische Opposition. *Informationen zur politischen Bildung*, Bonn, n. 258, 1998.

_____. Die politische Kultur der Bundesrepublik Deutschland 1966-1983. In: _____. *Schlaglichter historischer Forschung. Studien zur deutschen Geschichte, im 19. und 20. Jahrhundert*, 2005. Disponível em: <http://hup.sub.uni-hamburg.de/volltexte/2008/9/chapter/HamburgUP_Schlaglichter_Kultur.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2018.

DREYFUS-ARMAND, G. Les années 1968, ou la jeunesse du monde. *L'Histoire*, Paris, n. 330, abr. 2008.

DUBOIS, W. 1968. *Inprecor*, Paris, n. 424, maio 1998. Disponível em: <<http://www.inprecor.fr/article-Introduction%20Allemagne-1968?id=551>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

DW. *Por que é tão difícil proibir o partido de extrema direita alemão NPD?* 16 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/por-que-%C3%A9-t%C3%A3o-dif%C3%ADcil-proibir-o-partido-de-extrema-direita-alem%C3%A3o-npd/a-15537275>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

_____. 1963: Erhard torna-se chanceler federal alemão. 16 out. 2012. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/1963-erhard-torna-se-chanceler-federal-alem%C3%A3o/a-974571>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

D.W. *Chancelaria Federal permite pesquisa de passado nazista*. 30 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/chancelaria-federal-permite-pesquisa-de-passado-nazista/a-19227163>> Acesso em: 10 mar. 2018.

HAGEMANN, H. The post-1945 development of economics in Germany. In: COATS, A. W. *The development of economics in Western Europe since 1945*. London/New York: Routledge, 2000.

HAUG, W. F. 1968 na Alemanha. In: GARCIA, M. A.; VIANA, M. A. (Org.). *Rebeldes e contestadores: 1968 – Brasil/França/Alemanha*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

_____. *En el 68 se rompieron todos los diques de contención*. [2008]. Entrevista realizada a Wolfgang Fritz Haug por Gemma C. Serra. Disponível em: <<http://www.wolfgangfritzhaug.inkrit.de/documents/entrevistasobre1968.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

JUCHLER, I. *1968 in Berlin*. Berlin: be.bra verlag, 2017.

KÖBELE, P. *Os 50 anos do Partido Comunista Alemão*. 27 dez. 2017. Disponível em: <<https://pcb.org.br/portal2/18075/os-50-anos-do-partido-comunista-alemao>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

KONDER, L. *Em torno de Marx*. São Paulo: Boitempo, 2010.

LANGGUTH, G. Rudi Dutschke: “Holger, a luta continua!” *DeutschWelle*, 25 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/rudi-dutschke-holger-a-luta-continua/a-16664580>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MARINI, R. M. O movimento estudantil na América Latina. *Revista Movimentos Sociais*, Goiás, n. 1, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rms/article/view/489/pdf_5>. Acesso em: 8 mar. 2018.

MAZIÈRES-VAYSSE, A. Mouvement ouvrier. In: GUINAUDEAU, I.; KUFER, A.; PREMAT, C. *Dictionnaire des relations franco-allemandes*. Bordeaux: Presses universitaires de Bordeaux, 2010.

MÜNSTER, A. Sobre o marxismo, educação e o conceito de utopia concreta. Ernst Bloch. [2008]. Entrevista concedida ao prof. Dr. Hildemar Luiz Rech. Disponível em: <<http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/entrevistas/ENTREVISTA.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

TOUSSAINT, E. *25 ans après la réunification allemande: réflexions sur Ernest Mandel, la IV internationale et la crise en Allemagne de l’Est en 1989-1990*. 2 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.europe-solidaire.org/spip.php?article33709>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

VATTA, A. O neocorporativismo na Europa: desenvolvimentos recentes e perspectivas para o futuro. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 10/11, 1998.

DOI: 10.12957/rep.2018.39433

Recebido em 27 de abril de 2018.

Aprovado para publicação em 30 de julho de 2018.



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.